

AUTOR: MANOEL D'ALMEIDA FILHO

(Da A. S. I. e da Associação de Imprensa Periódica da Bahia)

O Baú da Carolina



Edição da "AGÊNCIA CAVALCANTE"

PREÇO — 5,00

1.^a Edição — Março de 1957

AUTOR: MANDEL D'ALMEIDA FILHO

O BAÚ DA CAROLINA

Eu não gosto de contar
Coisa que me foi contada
Porque um diz que é mentira
Outro, que é palhaçada
Um diz que não acredita
Outro qu' é coisa inventada.

Porém como nosso mundo
De tudo vive compôsto
Quando um não acredita
Num caso meio supôsto
Outro diz que é verdade
E compra com muito gôsto.

Eu vindo da Paraíba
Quando passei em Penêdo
Um velho disse:-Poéta
Me diga se não tem medo
Do baú da Carolina
Cheio de mistério e segrêdo?

Eu perguntei ao velho:
—O que está me dizendo?
Disse ele:-É Carolina
Que está aparecendo
A quem canta e chama ela
É o que está acontecendo!

E passou a me contar
Tudo quanto êle sabia
Do baú da Carolina
E como ela aparecia
Dizendo e mostrando as coisas
Que no seu baú trazia.



Aprimeira vez que ela
Apresentou o baú
Foi numa sala de dança
Perto de Piassabussú
Num baile de casamento
Na casa de Zé Jaú.

O povo todo dançava
Naquela festa granfina
A sanfona executava
O Cheiro da Carolina
Quando viram entrar na sala
Aquela "Cintura-fina".

Alta, feia e musculosa
A cintura bem fininha
Quartos "tipo violão"
Vestida numa bainha
Cada braço era um garrancho
E cada perna uma linha.

Da cintura para cima
Estava nua, a coitada
E da cintura para baixo
De roupa não tinha nada
Porém mesmo dêsse geito
Gritou e disse animada:

—Sanfoneiro se prepare
Puche o fóle e toque um xóte
Quero ver os dançadôres
Me cheirando num magóte
Tudo doido embriagado
Fungando no meu cangóte

E de fato nessa hora
Um perfume rescendeu
Carolina deu um grito:
—Êsse é o cheiro meu
E quem não cheirou ainda
Venha dar um cheiro n'eu.

Quando eu entro num samba
Todos provam do meu cheiro
E quem nunca dançou dança
Fungando sem paradeiro
Cheirando no meu cangóte
Para provar o tempêro.

Nessa hora o sanfoneiro
Arrastou a concertina
E só se ouvia o grito:
—Carolina-Carolina
Com todo mundo fungando
Era enorme a busina.

Já fazia mais de hora
Que todo mundo dançava
E o tocador foi parar
A sanfona não parava
Quanto mais ele impedia
Mais a sanfona tocava.

Até que ele cançou
Parando a força que tinha
Porém é que a sanfona
Ficou tocando sosinha
Carolina-Carolina
Era só a voz que vinha.

Nessa hora os dançarinos
Já estavam se arriando
E aqueles que cançavam
Carolina ia deixando
Se agarrando com os outros
Que ainda estavam fungando.

Quando todos arriaram
Ela disse:—Eu sou o “Dunga”
Quem fungar no meu cangóte
Fica igual a um calunga
Caído ou embriagado
E nunca mais êle funga.

A sanfona ainda tocava
O “Buraco do Tatú”
Ela disse:—Eu vou embóra
Que já dançei p’ra Kuxú
Vou pegar um “páu de arara”
Para levar meu baú.

Sumiu-se e com meia hora
Foi que o povo tornando
Cada um que se acordava
Se levantava fungando
E assim o dia amanheceu
Todo mundo reclamando.

Na estrada de Palmeira
Perto de Arapiraca
Avistaram Carolina
Junto de uma barraça
Sentada no seu baú
Recostada numa estaca.

Era um caminhão que vinha
Conduzindo passageiros
Que iam para São Paulo
Trabalhar aos fazendeiros
Quando Carolina disse:
—P'ra onde vão companheiros?

O caminhão foi parando.
Ela disse: - De onde vem?
Este carro assim "fussado"?
Vocês me levam também?
Ou eu sigo com vocês
Ou daqui não sai ninguém.

Nessa voz o motorista
Com toda raiva afobou-se
Debreiou, passou primeira
Porém o carro apagou-se
Carolina disse:—Agora
Foi que você desgraçou-se!

O motorista zangado
Olhou-a já com espanto
Virou a máquina do carro
Ela disse:-- Não tem santo
Que faça seu "Pau de Arara"
Agora sair do canto.

O motorista afobado
Passou a marcha "vóvó"
O caminhão soluçou
Que chega levantou pó
Ela deu uma risada
E disse:-- Assim deu um nó.

O motorista chamou
Um ajudante na hora
Dizendo:— Pegue o baú
Dessa péste sem demóra
Bote em cima e diga a ela
Que suba e vamos embora.

O ajudante desceu
Porém também afobado
Quando pegou o baú
Fez força e achou pesado
Chamou o outro colega
Que também desceu zangado.

Os dois pegaram com raiva
Mas nem sequer aluiram
Fizeram força e ciscaram
Os passageiros sorriram
Eles encontrando pêso
Da tarefa desistiram.

Nisso vários passageiros
Disseram: Isso é molêsa
Desceram também do carro
Com a maior afoitesa
A chando que os ajudantes
Estavam com "safadêsa".

Porém foi a mesma coisa
Não aluiram também
Um zangou-se e perguntou:
— Me diga de onde vem,
Essa "Bexiga da Péste"?
E dentro o que é que tem?

Ela disse:—O baú vem
Da profunda das cavernas
Cheio de usos e dítos
Com muitas coisas modernas
Para que nossas mulheres
Possam mostrar suas pernas.

Vem dentro do meu baú
Os vestidos decotados
Desses “Tomára que caía”
Porém sendo ligados
Em fazenda transparênte
Para se ver os “bocados”.

Quando u’a mulher passa
Com um vestido moderno
Os homens ficam babando
Dizendo:—Eu vou p’ro inforno
E o satanáas escritura
Trez, quatro no seu caderno.

Eu trago um tipo de saia
Bem estreita e ligadinha
Que quando u’a mulher veste
Fica como uma bainha
Depois aperta a cintura
Para ficar bem fininha.

Tenho anágua para moças
Que vivem no caritó
Para ficarem bem gordas
Com a cintura dando nó
De longe ver-se a gordura
Mas de perto é pano só.

Trago cabelós cortados
E sombrancelhas raspadas
Cabelos brancos tingidos
Junto com unhas pintadas
Cabelos crespos queimados
Com tintas avermelhadas.

Para o povo escandaloso
Trago Péste, Fome e Guerra
Quem fungar no meu cangote
No meu cheiro se enterra
O que tem no meu baú
Desgraça a face da terra.

Eu agora vou abri-lo
Para mostrar minha sina
Nisse ouviram uma explosão
Com um cheiro de neblina
Abriram os olhos e não viram
Nem baú, nem Carolina.

Assim me contou o velho
Rembre-me do ocorrido
Muita gente até aumenta
Eu só conto o sucedido
Isto porque não é nosso
Dou o retoque que posso
Ao caso acontecido.

4039
Mande reservar o seu exemplar!

"PÁGINAS ESCOLHIDAS"

Um novo livro do poeta Rodolfo Coelho Cavalcante, que apresentará á Academia de Letras Castro Alves como estreia de seu autor áquela Academia.



RODOLFO CAVALCANTE

O autor de "PINGOS DE LUZ" se revela nesse trabalho o mais profundo conhecedor das páginas da vida humana.

Um livro onde vê-se os quadros vividos, desenrolando-se num teatro da mais pura realidade sentimental.

Crônicas! Poesias! Folclore! Novelas! Um livro para todas as Bibliotecas e para todos os tipos de leitores.

Prefaciado pelo jornalista Manoel d'Almeida Filho, autor de "O AMOR EM FACE DO DESTINO" e membro da Associação Sergipana de Imprensa.

Preço de cada exemplar Cr\$ 50,00

Mais da metade da 1.^a Edição já está vendida!

Pedidos á Cx. Postal 425 - Salvador-Bahia

Original Cat. Volume II - 271